

LIBRO E MARCO



COMPLETA

• • E • •

CORRECTA



Preço 400 reis



EDIÇÃO

DA

"POPULAR EDITORA"

Parahyba do Norte



Typ. da "Popular Editora"



1919

Silvino Girauá

HISTORIA

—DE—

ZEZINHO E MARIQUINHA

Vou contar uma historia
Do tempo da antiguidade,
Mostrando perfeitamente
Com os vizes da verdade,
No coração de quem ama
O que faz uma amizade.

Havia em uma cidade
Um homem de alta riqueza.
Bem perto d'elle morava
Um pobre por natureza,
Tanto tinha um de rico
Como o outro de pobreza.

Esse homem rico era
Senhor de muitos milhões,
Determinava a cidade
Em muitas repartições,
Afiml satisfazia
Todas as suas paixões.

O pobre era sapateiro,
Não possuia riqueza,
Vivia de sua arte
No estado de pobreza,
Mas o pouco que ganhava
Dava p'ra sua despeza.

2—
Tinha o por herdeira
Apenas uma filhinha,
Como era filha unica
Do sobrado era rainha,
Era chamada Maria
E tratada por Mariquinha.

O pobre do sapateiro
Com seu viver pobrezinho,
Alem de ter muitos filhos
Tinha um pequenininho,
Que se chamava José
E o tratavam por Zezinho.

Elle ensinou a Zezinho
Ler, escrever e contar;
Tinha 6 annos de idade
Já sabia bem falar,
Pois o velho sapateiro
Sabia ao filho educar.

O rico tambem mandou
Ensinar á Mariquinha,
Deu-lhe logo uma criada
Para não andar sosinha
Pelas ruas da cidade
Quando ia e quando vinha.

Um dia que Mariquinha
Foi para a Universidade
Junto com sua criada,
Ambas da mesma idade,
Encontrou-se com Zezinho
E consagraram amizade.

Perguntou ella: quem és?
Disse elle: sou teu visinho.
Como de facto que era
Pois morava bem pertinho;
Até aqui Mariquinha
Não conhecia Zezinho.

Marcharam para a escola
Que a hora era chegada,
A' tarde voltaram juntos
Até ao pé da escada,
Todos tres eram meninos,
Não queria dizer nada.

Continuaram a andar juntos,
Todos tres em companhia,
Se Mariquinha não fosse
Zezinho tambem não ia,
Quando um tinha desgosto
O outro tambem soffria.

De forma que os dois pequenos
Consagraram esta amizade,
Um ao outro um juramento,
Fizeram ambos sem maldade,
Porque onde existe firmeza
Não pode haver falsidade.

Consagraram esta amizade
Para um acto muito fino,
Bem fez quem pintou Cupido,
Representando um menino,
De pequeno vai crescendo
E de homem toma o destino.

*este folheto
faz parte do
Livro de
Folhetim de
1880*

Zezinho com nove annos,
Sem conhecer do perigo,
Perguntou á Mariquinha:
—Tú queres cazar commigo?
Mariquinha respondeu:
—Zezinho, eu caso contigo.

Porem lhe disse Zezinho.
—Com relação á riqueza,
Mariquinha, tú és rica
De dinheiro e de belleza,
Eu acho muito custoso
Tú casa es na pobreza.

Mariquinha respondeu:
—Ser pobre não é villeza,
Eu sou rica, tú és pobre,
Eu sou a tua riqueza,
O dinheiro compra tudo
Porem não compra a firmeza.

Ahi lhe disse Zezinho:
—Rico não caza com pobre;
Respondeu-lhe Mariquinha:
—Tú não possues mas és nobre,
O coração de quem ama
Não há dinheiro que o dobre.

—Zezinho, juro por Deus,
Contra o gosto de meus paes
Hei de cazar-me contigo,
Quando tu fores rapaz;
Pois aquillo que Deus fez
Na terra ninguem desfaz.

Zezinho tambem lhe disse:
—Juro por Deus do Bom Fim, |
Hei de cazar-me contigo
Já que amas tanto a mim,
Não esperava que tú
Me amasses tanto assim.

Mariquinha ficou moça,
Da aula se ausentou,
Essa ausencia p'ra Zezinho
Foi setta que penetrou
Cravando dois corações,
Mas que a amizade augmentou.

Um dia em que Zezinho
Voltava de um brinquedo,
Escreveu á Mariquinha:
Lá descobriu-se o segredo!
Se havia de ser mais tarde
Appareceu logo cêdo.

Por sua infelicidade
No outro dia cediño
A mãe da dicta menina
Encontrou um bilhetinho
Na mala de sua filha
Tendo firma de Zezinho.

Ella chamou a menina
Em particularidade;
Dizendo: filha, me conta
A tua infelicidade,
Responde o que te pergunto
Sem que negues a verdade.

Mariquinha respondeu
Lhe perguntando: o que quer?
Respondo o que perguntar-me,
Salvo o que eu não souber.
Garanto que não lhe minto,
Dê o caso no que der.

A mãe vendo a sua filha
Falar-lhe tão positiva,
Disse-lhe: as palavras tuas
Me fizeram pensativa,
Eu vou contar a teu pae,
Que disto ninguem me priva.

Foi a velha e disse ao velho:
Cuide em ser mais cavalheiro,
Olhe que em nossa casa
Ha um caso traiçoeiro,
Mariquinha é namorada
Do filho do sapateiro.

Meu velho, ocultemos isto
Emquanto não se descobre,
Mariquinha é muito rica,
Aquelle sujeito é pobre,
E' desgraçada a familia
Que se abatê sendo nobre.

O velho ouviu a historia,
Considerou a malicia,
Interrogou Mariquinha,
Communicou á policia,
Como pae queria elle
Annular a tal primicia.

Disse ella á Mariquinha:
—Como procedes assim?
Tù és a unica herdeira
D'uma riqueza sem fim,
Queres cazar com um pobre
Sem nome, safado e ruim?

—Meu pae, dinheiro não paga
A firmeza de quem tem,
Eu nasci para Zezinho,
Zezinho p'ra mim tambem,
Se eu não casar com elle,
Não me caso com ninguem.

Diz o pae: eu vou prendel-o,
Veja o que determina,
Vou mandar interogal-o
Para ver o que destina,
Vou botal-o na Marinha
E já se acaba esta sina.

Disse elle em tom altivo:
—Meu pae, não acho decente,
Se eu mereço castigo
Por ser desobediente,
Soffra eu; e não Zezinho
Que elle está innocente.

Disse elle para ella:
—F' fraco seu pensamento,
Esteja innocente ou não
Eu digo, faço e sustento,
Ha de ser o seu castigo
Igual ao atrevimento.

Disse isso e retirou-se,
Nada mais tendo a dizer.
Ella pegou numa penna
E começou a escrever
Participando a Zezinho
O que devia fazer.

—Zezinho, você se ausente
Quando esta receber,
Não permaneça em casa
Que meu pae o vai prender,
Nosso amor foi descoberto,
Começamos a soffrer.

Nosso amor foi descoberto,
Com isso não me convenço,
A' noite venha ao quintal
Isso com cuidado immenso,
Que lhe darei o destino
Para fazer o que penso.

Zezinho leu o bilhete,
Que o fez advertido
Considerando sosinho
O que tinha apparecido,
Quando a policia chegou
Elle já tinha sahido.

A' meia noite Zezinho
Estava no dito ponto,
Considerando na vida...
P'ra tudo elle estava prompto,
Foi chegando Mariquinha
E lhe entregou mais de um conto.

—Zezinho, este dinheiro
E' uma prova de firmeza,
Vai ganhar a tua vida,
Adquirir a riqueza,
Gasta com o necessario,
Veja não caia em pobreza.

Vai para outro paiz
Onde não haja ninguem
Que conheça a tua vida,
Se tú passas mal ou bem,
Que eu fico aqui esperando
Como quem teve e não tem.

Zezinho se despediu
De sua noiva querida,
Elle pediu um abraço,
Ella deu por despedida,
Se abraçaram em soluços
Que quasi perdem a vida.

Depois de cobrir de beijos
Della a mão gelada e linda,
Partiu Zezinho chorando,
Ella ficou mais ainda,
No presente estava a ida,
No futuro estava a vinda.

Zezinho ahi embarcou
Num porto dessa cidade,
Saltou em outro paiz
Com muita felicidade,
Entrou com o seu dinheiro
Em uma sociedade.

Pegou Zezinho a girar,
Como bom commerciante,
De quatro p'ra cinco annos
Tinba dinheiro bastante,
Mas considerou ser pouco,
Visto ser principiante.

De nove para dez annos,
Antes de dez completar,
Estava rico de milhões,
Com trez vapores no mar,
Com todos trez no seguro
Para nenhum naufragar.

Reuniu todos os bens
Para poder regressar,
Para ver os seus amigos
E a seus paes visitar
Visto que já estava rico,
Já disposto a se cazar.

Durante estes dez annos
Que Zezinho esteve ausente,
O pae da sua querida
Tornou-se mais imprudente
P'ra fazer um casamento
Com um moço seu parente.

Mariquinha em casamento
Todo o mez era pedida,
Alem de não dar o sim
Mostrava-se aborrecida,
Só em pensar em Zezinho
Era um acabar de vida.

Um dia lhe disse o pae:
—Sei que isso é presumpção,
Se não me fizer os gostos
Eu não lhe boto abençoão,
Logo, escolha o que prefere:
Abençoão ou maldição.

Tornou-lhe o pae a dizer:
Eu sei que és namorada,
Se não me fizer os gostos
Ficas amaldiçoada
De mim e de tua mãe,
E da herança desherdada.

Foi quando a mãe della disse
Por uma forma exquisita:
Se não me fizer o gosto
Serás tu filha maldita,
E se ao contrario fizeres,
De graças ficas bēdicta.

Mariquinha vendo isso
Contou com a perdição,
E' triste a sorte do filho
Que dos paes não tem benção,
Sendo mulher, parte fraca,
Considerou com razão.

E então, dando um suspiro
Que arrancava do peito,
Disse Mariquinha ao pae:
O seu desejo está feito,
Embora não faça o meu,
O que quizer eu aceito.

O velho ouvindo isto
Com grande contentamento,
Disse sorrindo p'ra a velha:
Eu vou já neste momento
Convidar os meus amigos
P'ra o dia do casamento.

Mariquinha retirou-se
Com sentimento e saudade,
Chorando e pedindo a Deus
Que, como pae de bondade,
A matasse antes que ella
Casasse contra a vontade.

Mariquinha no seu quarto
As suas maguas carpia,
Chorando e pedindo afflicta
A Deus e á Virgem Maria
Que Zezinho lhe trouxessem,
Porque elle a salvar podia.

Disse com os joelhos em terra:
Oh! meu Deus de piedade,
Não consintas que meu pae
Me obrigue á falsidade,
Para que Zezinho saiba
E conheça da verdade.

Mas pelo pae obrigada
Mariquinha se casou,
No dia do casamento
Zezinho desembarcou,
Ella já estava casada
Quando Zezinho chegou.

Zezinho ao desembarcar
Mandou uma embaixada
Participar a seus paes
A sua feliz chegada,
Estava muito satisfeito
Visto não saber de nada.

Quando o sapateiro viu
O seu filho obediente,
Pois já faziam 10 annos
Que de si estava ausente,
Foi tantos fogos no ar
Que admirou muita gente.

Mariquinha observou
Os fogos de onde sahia,
Foi perguntando á criada
Se por acaso sabia,
Na casa do sapateiro
Que novidade havia.

Ella mandou a criada
Saber o que se passou,
Chegou e lá viu Zezinho,
Occulto o cumprimentou,
Volta a criada e lhe disse:
Foi Zezinho que chegou.

Estava o sobrado em festa
De regosijo e brazão,
Estava alli a sociedade
De alta consideração,
Só Mariquinha não tinha
Prazer e consolação.

Mariquinha ouvindo isso
De dores ficou partida,
Cahi com uma vertigem
Que quasi perdia a vida,
Como já era casada
Ficou dispersuadida.

Ella entrou para o seu quarto,
Escreveu o que passou-se,
Communicando a Zezinho
Porque motivo casou-se,
Mas estava como era:
O amor não acabou-se.

”A’ noite vem ao quintal
Se ainda tens amisade,
Desejo ser sabedôra
Da tua felicidade,
Traz comtigo a recompensa
Dessa minha falsidade.”

Zezinho leu o bilhete,
Quiz usar de violencia,
Afimal pediu a Deus
Que lhe desse resistencia
P’ra soffrer estas angustias
Sem faltar-lhe a paciencia.

Passou o resto do dia
Sem ter mais gosto comsigo,
A’ noite foi ao portão
Receioso do perigo,
Mariquinha tardou pouco
Porem temendo o castigo.

Foi chegando Mariquinha,
Diz Zezinho: aqui estou eu,
Foi lhe pedindo um abraço,
Ella não fez duvida, deu,
E nesse abraço Zezinho
Nos braços d'ella morreu.

A morte d'aquelle moço
Causou admiração,
Serviu de pena e desgosto
P'ra a familia do Barão,
A vida de Mariquinha
Zezinho tinha na mão.

Zezinho ignorava
Da sua sorte infeliz,
Porem existe um dictado
E um proverbio que diz:
No mundo não ha quem gose
Do que a fortuna não quiz.

Mariquinha vendo isso
Ficou louca, sem sentido;
Vendo morrer dessa forma
O seu amante querido,
Foi relatar á creada
O que tinha acontecido.

—Minha creada, vem ver,
Que grande infeliz sou eu!
Zezinho, o meu amante,
Neste momento morreu,
Com uma grande vertigem
De um abraço que me deu.

Sahiram então ellas duas,
Consideraram primeiro,
Pegaram Zezinho nos braços,
Fizeram isso ligeiro,
Foram botar na calçada
Da porta do sapateiro.

Quando foi no outro dia
De manhã muito cedinho,
O creado abriu a porta,
Foi olhar bem de pertinho,
Tinha na calçada um morto:
Era o seu patrão Zezinho.

Botaram em um sofá
Retirando da calçada,
Tanta alegria que havia
Tornou-se o prazer em nada,
O morto tinha uma mão
Aberta, e outra fechada.

Espalhou-se essa noticia,
Causou admiração,
Foram a uma junta medica
Que ficou em confusão
O que queria diser
O que tinha aquella mão.

Presente estava uma velha,
Disse: ninguem adivinha,
Elle morreu de um desgosto
De uma amisade que tinha,
Esta mão que está fechada
Só quem abre é Mariquinha.

O sapateiro sabendo
Sahiu com muito respeito,
Foi ao sobrado do homem,
Pedi com agrado e geito,
Contou o significado,
O que pediu foi acceito.

O homem rico sabendo
Sahiu com muito prazer
Junto com a comitiva,
Todos alegres p'ra ver,
Só Mariquinha sabia
O que ia acontecer.

Vinham todos para ver
Reunida a maioria
E viram Zezinho morto
No sofá onde jazia,
E Mariquinha calada
Porque de tudo sabia.

Reunida a maioria,
Gente de alta patente,
Doutor e juiz de direito,
O sapateiro na frente,
Mariquinha na chegada
Seu ar ficou differente.

Mariquinha foi chegando,
Disse com a voz altiva :
"Deus ama a quem lhe estima,
Aborrece quem se esquivia,
Morra nós dois como amantes
P'ra ver se a riqueza priva.

Zezinho, abre esta mão,
Já que morreste por mim,
Que por mim tu te acabaste,
Eu por ti devo ter fim!"
Disse isso e cahiu morta :
Deus determinou assim.

Os velhos pais de Zeziinho
Quasi morrem de agonia,
Foi um desgosto geral
P'ra todos que conhecia,
Quem casou com Mariquinha
Foi quem ficou na *forquia*.

Quando a mãe de Mariquinha
Soube o caso que se deu,
Mudou a feição do rosto,
De repente enlouqueceu,
A justiça tomou conta
De tudo quanto foi seu.

O pae della com desgosto
Ao genro assassinou
E foi para uma masmorra
Onde os seus dias findou,
A sua grande riqueza
Da prizão não o livrou.



A Guerra do Anti-Christo

Caso seja catholico o meu bom leitor, eu chamo a sua attenção para a leitura desse livrinho que tanto tem de precioso como de assombroso. Na "Guerra do Anti-Christo" estão publicadas diversas prophcias que se realisaram durante a grande Guerra que abalou o mundo e que ha pouco terminou. Nesse livro ha as prophcias de N. S. Jesus Christo, dos Apostolos que escreveram o Apocalypse, do Monge Joanes que viveu no Seculo XVII e do grande escriptor brasileiro Mucio Teixeira. Todas as prophcias já estão realisadas, e só com a leitura desse livrinho poderá o leitor avaliar com assombro o quanto acertaram os sabios prophetas que proferiram as terriveis verdades que acabam de se realisar.

A "GUERRA DO ANTI-CHRISTO" CUSTA 500 reis NA

Popular Editora.

AVISO

A "Popular Editora" tem em deposito grande quantidade de livros Escolares, Religiosos e Litterarios. Historias, Versos populares e Romances, que vende por preços ao alcance de todos, dando bom desconto aos revendedores.

Na mesma Livraria encontra-se bom sortimento de Livros em branco, Artigos musicaes, Artigos para escriptorios, Artigos de papelaria e grande sortimento de Postaes e Artigos religiosos.

Os melhores Figurinos em Portuguez, Inglez e Francez.

As melhores Revistas do Rio, São Paulo e Lisbôa.

Jornaes do Rio, Recife e Parahyba.

Acceita assignaturas de Jornaes e Revistas.

Rua da Republica 65—Caixa Postal 69

F. C. Baptista Irmão

PARAHYBA DO NORTE

Edições da "Popular Editora"

1919 → ESCORÇO DE CHOROGRAPHIA DA PARAHIBA—Pelo professor José Coêlho, obra approvada pelo Instituto Histórico e Geographico Parahybano e adoptada pela Instrucção Publica do Estado. Preço da 1.^a edição 1\$000.

POESIAS ESCOLHIDAS—Versos dos melhores poetas do Brazil e Portugal: Poemas, Recitativos, Parodias, Sonetos e Modinhas. A melhor collectanea de versos publicada no Brazil—Preço 2\$000.

DO LITTORAL AO SERTÃO—Contos de Coriôlano de Medeiros, com illustrações de Genézio de Andrade, um grosso volume—Preço 1\$000.

O RAPTADO—Drama em 4 actos pelo professor Francisco Barroso—Preço 2\$000.

TRAIÇÃO E VINGANÇA—Historia de Esmeraldina, grande romance em versos, de narrativa empolgante e agradável, por F. C. Baptista—Preço 1\$000.

NOVAS VALSAS E MODINHAS—As mais novas e apreciadas nos salões (no prelo a 3.^a edição augmentada)—Preço \$500.

A GUERRA DO ANTI-CHRISTO—Prophecias sobre a Guerra e o Anti-Cristo realizadas de 1914 a 1919—Preço \$500.

HISTORIA DE ANTONIO SILVINO (Completa)—Sua Vida, Prisão e Julgamento, com o seu fiel retrato, em versos por F. C. Baptista, no prelo a 4.^a edição—Preço 1\$000.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).